

A verdade da assistência social da Igreja

Discurso de Abertura no III Fórum das Instituições Sociais

No dia de ontem, o nosso país presenciou uma greve geral, que abrangeu vários sectores da sociedade portuguesa. A greve deveria ser tempo de paragem, de reflexão, de redefinição e de apresentação de propostas alternativas. Deste modo, o III Fórum das Instituições Sociais quer reflectir precisamente sobre a proposta alternativa que a Igreja Católica proporciona na assistência social.

A carta encíclica de Bento XVI, *Deus caritas est* (Deus é Amor), dedica um número ao perfil específico da atividade caritativa da Igreja (31). Atrevo-me a deixar o pedido que ele seja lido, relido, meditado, comentado, assumido interiormente e vivido no quotidiano da nossa ação caritativa.

1. Se houve um tempo em que a Igreja era detentora de quase todas as instituições de índole social, hoje, continuando a ocupar um lugar cimeiro, sabe que caminha com um conjunto de organizações diversificadas nos objetivos e nos agentes. Perante elas e no contexto duma sociedade laica, importa em primeiro lugar que as instituições da Igreja sejam capazes de testemunhar a sua identidade característica.

Elas existem em função das necessidades sociais da comunidade, mas o seu dinamismo interno pauta-se por formas que, sem presunção ou espírito de superioridade, tem uma diferença original.

Uma premissa condicionante de toda a ação social é a qualidade que a competência profissional dos seus agentes deve atestar. Só que, recorda o Papa, sendo fundamental, os seres humanos necessitam de algo mais.

Por isso, são necessárias as atenções “sugeridas pelo coração”, de modo que os utentes sintam uma profunda riqueza de humanidade, que destrói a frieza profissional e a técnica que se pensa encontrar nos números. A razão pode elaborar tratados bem delineados; mas “sem formação do coração” ficamos na antecâmara de respostas adequadas e realizadoras da alegria de viver.

2. Além desta estratégia centralizada na delicadeza dos pequenos gestos e atenções, os agentes em instituições da Igreja não podem esquecer outro princípio. As Palavras do Santo Padre valem mais do que as minhas, cito-as por essa razão:

“É preciso levá-los àquele encontro com Deus em Cristo que suscite neles o amor e abra o seu íntimo ao outro de tal modo que, para eles, o amor do próximo já não seja um mandamento, por assim dizer, imposto de fora, mas uma consequência resultante de uma fé, que se torna operativa pelo amor” (31).

Imagino que alguns não estejam a concordar comigo. Recordo que as instituições de ereção canónica são para todos, crentes ou não crentes, e toda a espécie de proselitismo deve ser intolerado. O amor é gratuito. Só que isto não significa que seja anódino de modo a “deixar Deus e Cristo” ausentes nos agentes e nas ações que se realizam.

Quem realiza a caridade em nome da Igreja, nunca impõe a sua fé mas saberá que importa “amar como Deus amou”, para que, pelo amor simples e concreto, Deus resplandeça. *“É dever das organizações caritativas da Igreja reforçar de tal modo esta consciência nos seus membros, que estes, através do seu agir – como também do seu falar, do seu silêncio, do seu exemplo -, se tornem testemunhas credíveis de Cristo”* (ibidem).

Sei que estas palavras incomodam muita gente. Não tenho receio de as pronunciar e espero que possam ser pretexto para um sério debate e diálogo, de modo que sejam compreendidas no seu genuíno significado.

As nossas instituições não podem pulverizar-se na organização assistencial, mas devem afirmar-se como Igreja que, como Cristo e por causa de Cristo, sabe estar presente onde a carência acontece. Não se pode pretender louvores, mas também não podemos ter medo de afirmar a nossa identidade com as exigências que isto comporta, no âmbito do profissionalismo mas sobretudo no espírito que as anima.

3. É nesta lógica que o Santo Padre lança uma nova advertência que pode, também, incomodar muita gente. *“A atividade caritativa cristã deve ser independente de partidos e ideologias. Não é um meio para mudar o mundo, de maneira ideológica, nem está ao serviço de estratégias mundanas, mas é atualização, aqui e agora daquele amor de que o ser humano sempre tem necessidade”* (ibidem). Quem trabalha nas nossas instituições, no âmbito das direções ou como funcionários, nunca podem deixar-se conduzir por critérios estranhos à arte de se fazer o bem “com paixão” para, dum modo mais explícito ou implícito, pretender concretizar programas ou estratégias de

partidos com possíveis vantagens pessoais, no presente ou no futuro. Não é fácil agir por um amor puro e gratuito. Podemos cair em tentações. Só que o grande objetivo e marca identificativa deverão ser, só e apenas, a caridade. Não pretendo insinuar nada. Basta-me provocar reflexão e retificação de intenções.

Para concluir, é importante reconhecer que a caridade numa paróquia não pode acontecer só dentro das instalações. Nestas importa pensar na certificação como garantia de serviços bem prestados. Só que isto é apenas parte e o amor deve tornar-se muito concreto no modo de servir e dedicar-se a quem necessita. A qualidade das instalações e as conformidades legais podem não garantir o ambiente necessário para uma vida feliz. O amor reveste-se duma fantasia maravilhosa e só quem está disponível para servir com verdadeira doação, concretizada no carinho e ternura, deveria estar nas instituições. Com este amor dentro é preciso olhar para a comunidade fora. Isto supõe que as comunidades não se tranquilizem pelo facto de ter um centro. Há mais mundo que precisa de novos empenhos e atenções.

Por último, é incrível como alguns adoram revelar estatísticas da acção social na praça pública, sem sequer referir o papel social da Igreja Católica. Aproveitam-se do trabalho dos outros para fazerem panegíricos pessoais. Sabemos que só em rede se responde a tantas solicitações e temos orgulho em trabalhar de mãos dadas para o bem de todos.

Só que, em nome da verdade e da justiça, é fundamental reconhecer o trabalho árduo das comunidades em edificar espaços e manter em serviço as respostas sociais da Igreja que, motivada pelo amor divino, há mais de 2000

anos se preocupa com os desfavorecidos. Seria, por isso, oportuno que nas afirmações públicas se reconhecesse a importância da assistência social da Igreja e da sua especificidade. Uma especificidade que não se reduz à estatística (fazer), mas à pessoa (ser). Não esquecendo ainda, que muitos cristãos se entregam abnegadamente a certas causas sem pretender a mínima recompensa.

Espero que estas considerações nos conduzam à coragem de repensar o nosso agir social, como cristãos e Igreja. Referi alguns aspectos a partir do pensamento de Bento XVI. O diálogo e estes fóruns são mais um contributo para as nossas comunidades que, alimentando-se da Palavra, não se contentem com palavras. Saibamos estar nesta hora de interrogações e de alguma dramaticidade. Através do amor, sem receio de o viver como Cristo, daremos esperança e alegria a quem servimos!

+ *Jorge Ortiga, A.P.*

Auditório Vita, 25 de Novembro de 2011